



Primo Levi: sonho, poesia, política

Primo Levi: Dream, Poetry, Politics

Lucíola Freitas de Macêdo*

Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) | Belo Horizonte, Brasil

luciola.bhe@terra.com.br

Resumo: Este artigo foi escrito para o Seminário Primo Levi – (1919-2019), promovido pelo Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG e pela Academia Mineira de Letras, em homenagem ao centenário do nascimento de Primo Levi. Ele trata das relações entre poesia e política a partir do lugar fundamental ocupado pelo sonho na obra testemunhal de Primo Levi. Tal temática se desenvolverá em três movimentos: o sonho é a política da poesia; a poesia é o sonho da política; a política é a poesia do sonho.

Palavras-chave: Primo Levi. Poesia. Política.

Abstract: This article was presented on the occasion of the Primo Levi Seminary (1919-2019), promoted by Nucleus of Jewish Studies (UFMG), in honor of the centenary of Primo Levi's birth. It deals with the relationship between poetry and politics from the fundamental place played by the dream in the testimonial work of Primo Levi. This theme will develop in three movements: Dream is the politics of poetry; Poetry is the dream of politics; Politics is the poetry of dream.

Keywords: Primo Levi. Poetry. Politics.

É preciso, nessa homenagem ao centenário do nascimento de Primo Levi, partilhar a alegria que sinto com a recente publicação de *Mil sóis*, volume de poemas escolhidos e primorosamente traduzidos por Maurício Santana Dias. É a primeira vez que se publica uma coletânea de poemas de Levi no Brasil. É preciso dizer, ainda, de sonho e política, temas caros a Levi, inseparáveis de sua poesia, e sobre os quais encontramos múltiplas ressonâncias nos dias atuais.

O poema tem na obra do escritor um caráter fundante, e uma anterioridade lógica em relação à prosa. Levi inseriu poemas como epígrafes em todos os seus livros de cunho testemunhal. Seu primeiro testemunho, *É isto um homem?* Traz, como epígrafe, o poema "Shemá", donde se extrai, também, o verso que dá título ao livro. A poesia comparece do início ao final, como contracanto à narrativa testemunhal. As menções

* Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.



aos versos da *Divina Comédia* perpassam a obra, estando Dante para Primo, como Virgílio está para Dante.

1 Primeiro movimento: O sonho é a política da poesia

Ao ler *Mil sóis*, cogitei: Levi parece escrever poemas como quem sonha. Esse pensamento adveio como uma espécie de devaneio, mobilizado pelo impacto da leitura da obra em seu conjunto. À medida que avançava na leitura, entregava-me à sua poesia, deixando-me conduzir por seus poemas: “Como um vidente a conduzir um cego/ Como uma dama que o conduz na dança”.¹ Ao final, ainda embalada pela música dos versos, constatei que Levi não apenas escreve poemas como quem sonha, mas que sua poesia se estrutura como um sonho.

Os seus poemas, tal qual os sonhos, irrompem. Acontecem à sua revelia. É ele mesmo quem o diz, como poeta bissexto que se considera, que escrever versos não tem nada a ver como nenhuma outra atividade mental que conheça, e tal qual os cogumelos, os poemas brotam inesperadamente, onde menos se espera.² Diferentemente dos relatos testemunhais, em primeira pessoa, a poesia advém do “Es”, de um lado de si próprio que percebe como obscuro, noturno, visceral, e em grande parte inconsciente.³

Como bem observa Marco Belpoliti, organizador de uma das edições existentes das suas Obras Completas, sua poesia, como também muitos de seus contos, são “resíduos diurnos de sua parte noturna, sonhos de olhos abertos que afloram e falam a língua estranha e misteriosa da literatura”,⁴ não sendo redutíveis às fórmulas e teoremas da química, seu ofício diurno, aquele no qual se sente mais confortável, em terreno seguro. Conto e poesia, tal qual os sonhos, laboram sobre um material proveniente de uma veia inquieta e inquietante de si mesmo, buscando na estrutura do verso uma forma sobre a qual derramar seu material incandescente.

Em “A fugitiva”, escreve: “compor uma poesia digna de ser lida e recordada, é um dom do destino: acontece a poucas pessoas, fora de toda regra e vontade, poucas vezes na vida”.⁵

O escritor narra, através do personagem deste conto, como se davam as irrupções da escrita em versos: tinha a sensação “de ter uma poesia no corpo, pronta para ser fisgada no voo e pregada no papel como uma borboleta”.⁶ Tratava-se da mesma sensação que antecedia ataques epiléticos: sentia a fulguração de um leve assovio nos ouvidos e um arrepio de espasmo a percorrê-lo da cabeça aos pés. Dissipados o assovio e o espasmo, em poucos instantes achava-se lúcido, com o grão da poesia claro e distinto,

¹ LEVI, 2019, p. 93.

² LEVI, 1997b, p. 137.

³ LEVI, 1997a, p. xxi.

⁴ BELPOLITI, 2002, p. 29.

⁵ LEVI, 2005, p. 447.

⁶ LEVI, 2005, p. 447.



irradiando-se em todas as direções, como um organismo que cresce e treme, como se fosse uma coisa viva. Tinha apenas que escrevê-lo.

2 Segundo movimento: a poesia é o sonho da política

A poesia é o sonho da política quando permite escrever o inimaginável ou figurar o inominável, contornando com as palavras o furo do trauma, esgarçando ao menos um pouco sua opacidade, permitindo roçar, e até mesmo forçar os limites do representável. Quando deixa entrever a cesura, a lacuna, cernindo o que escapa ao dizível ou pensável, diante da insuficiência das palavras em dizer dos encontros com o real traumático.

A poesia é o sonho da política, ainda, quando sua escrita se torna veículo de transmissão do dever de memória, sem que para isso seja preciso recorrer ao engodo de recompor o que se apresenta como lacunar, índice do inominável, com figuras saturadas de sentido, ou com detalhes descritivos que no mais das vezes resultam na obscenidade ou na impostura.

Em alguns poemas, Levi lança mão da prosopopeia e do mundo onírico por intermédio de um fantástico bestiário, que não deixa de evocar, às portas do Juízo Final, a Arca de Noé.

Há aqueles de cunho ético e/ou político, como “O elefante”, “Um rato”, “A mosca”, e “O dromedário”:

Pra que tantas rixas, guerras, querelas?
Vocês só precisam me imitar.
Nada de água? Passem sem ela,
Só cuidem de não dissipar o fôlego.
Nada de boia? Tiro a minha da corcova:
Quando os tempos forem propícios
Cultivem uma vocês também.
E se a corcova está murcha
Me bastam poucos abrolhos de palha;
A relva verde é lascívia e vaidade.
Tenho voz feia? Quase sempre me calo
E se blatero ninguém me escuta.
Sou feio? Agrado à minha fêmea,
As nossas só miram o concreto
E dão o melhor leite que existe;
Às suas, peçam o mesmo.
Sim, sou um servo, mas o deserto é meu:
Não há servo que não tenha seu reino.
Meu reino é a desolação;



Não conhece limites.⁷

Outros versam sobre temas existenciais, tal qual “O caracol”, e a “Velha toupeira”:

O que há de estranho? Eu não gostava do céu,
Então decidi viver só e no escuro.
Criei mãos boas para cavar,
Côncavas, aduncas, mas sensíveis e robustas.
Agora navego insone
Imperceptível sob os campos,
Onde nunca sinto calor nem frio
Nem vento chuva dia noite neve
E onde os olhos já não me servem [...].⁸

Ou sobre assuntos eminentemente femininos. Em “Aracne”, por exemplo, o eu lírico se metamorfoseia em aranha:

Imperceptível sob os campos,
Onde nunca sinto calor nem frio
Tecerei outra teia para mim,
Paciência. Tenho paciência longa e mente curta,
Oito pernas e cem olhos,
Mas mil tetas fieiras,
E não me apraz o jejum
E gosto de moscas e machos.
Repousarei quatro dias, sete,
Entocada em meu buraco,
Até sentir meu abdome grávido
De bom fio viscoso reluzente,
E tecerei outra teia, conforme
Àquela que você rasgou, passante,
Conforme ao projeto impresso
Na fita mínima de minha memória.
Sentarei no centro
E aguardarei que um macho venha,
Suspeitoso, mas ébrio de vontade,
Encher-me a um só tempo
O estômago e a matriz.
Feroz e incansável, assim que se fizer escuro,
Logo, logo, nó sobre nó,

⁷ LEVI, 2019, p. 149.

⁸ LEVI, 2019, p. 89.



Tecerei outra teia para mim.⁹

Sentimo-nos, ainda, mergulhar ora em sonho, ora em pesadelo, quando sua poesia se espraia por entre objetos e obras humanas, como em “Uma ponte”:

Não é como as outras pontes,
Que aguantam a nevasca dos séculos
Para que os rebanhos rumem a pasto e água
Ou gente em festa passe ponto a ponto.
Esta é uma ponte diferente,
Que goza se você para a meio caminho
E vasculha a profundidade e se pergunta se
Leva em conta viver amanhã.
É surdamente viva
E nunca tem paz,
Talvez porque o aço de sua pilastra
Vaze lento em veneno
Um velho malefício que não descrevo;
Ou talvez, como se narrava de noite,
Porque é fruto de um pacto funesto.
Por isso aqui jamais se verá a corrente
Espelhar tranquila os seus vãos,
Mas só ondas crespas e vórtices [...].¹⁰

Ou entre os desígnios da natureza, onde as tensões e reversões da mudez em voz e em grito são as mais pungentes, tal qual em “Meleagrina”, e “Agave”:

Não sou útil nem bela,
Não tenho cores alegres nem perfumes;
Minhas raízes roem o cimento,
E minhas folhas, margeadas de espinhos,
Me defendem, agudas feito espadas.
Sou muda. Falo apenas minha língua de planta,
Difícil de você entender, homem.
É uma língua em desuso,
Esperei muitos anos até expressar
Esta minha flor altíssima e desesperada,
Feia, lenhosa, rígida, mas lançada ao céu.
É nossa maneira de gritar que

⁹ LEVI, 2019, p. 87.

¹⁰ LEVI, 2019, p. 91.



Vou morrer amanhã: me entende agora?¹¹

Ademais aspectos estruturais, alguns poemas recolhem e retrabalham explicitamente o conteúdo dos sonhos. É o caso de “Levantar”, epígrafe de *A trégua*:

Sonhávamos nas noites ferozes
Sonhos densos e violentos
Sonhados de corpo e alma:
Voltar; comer; contar.
Então soava breve e abafado
O comando da aurora:
“Wstawac’”;
E no peito o coração partia.
Agora reencontramos a casa,
Nosso ventre está saciado,
Acabamos de contar.
É tempo. Logo ouviremos de novo
O comando estrangeiro:
“Wstawac’”.¹²

O sonho dentro do sonho, a partir do qual redige o poema-epígrafe, é também o limiar sob o qual se fecha o livro, com a narrativa do mesmo sonho traumático, como se quisesse fixá-lo, imobilizá-lo, a fim de que não mais invada as suas noites:

É um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância. Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça me domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas às vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se um caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no Lager, e nada era verdadeiro fora do Lager. De resto, eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa. Agora esse sonho interno, o sonho de paz, terminou, e no sonho externo, que prossegue gélido, ouço ressoar uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa, aliás breve e obediente.

¹¹ LEVI, 2019, p. 101.

¹² LEVI, 2019, p. 27.



É o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem, Wstawac’’.¹³

Ao contrário do que havia dito aos seus entrevistadores no dia seguinte à publicação de *A trégua*, quando, em 1963, declarou que nada mais diria sobre o campo de concentração e que tudo o que tinha para dizer já estava dito, a escrita e reescrita do sonho traumático não cessou, atravessando como um fio invisível a obra do artífice. Por intermédio do trabalho do sonho, o poema emerge, uma e outra vez para Levi, como uma “secreção diurna” do sonho traumático, em seu incansável esforço de figurar o “buraco negro” de Auschwitz.¹⁴

3 Terceiro movimento: a política é a poesia do sonho

Eis que o sonho traumático é novamente mencionado, já nas primeiras linhas do prefácio de seu último livro *Os afogados e os sobreviventes*, híbrido de testemunho e de ensaio, publicado em 1986, cujo título é tributário da *Divina Comédia* dantesca.

Nesse volume, encontramos novamente versos de um poema como epígrafe. Aqueles da *Balada do velho marinheiro*, de Samuel Taylor Coleridge, os mesmos que já havia inserido nas primeiras linhas do poema “O sobrevivente”, em 1984, e que escolheu como título da coletânea de poemas *Em hora incerta*, publicada no mesmo ano:

Sonhos densos e violentos
Sonhados de corpo e alma:
Voltar; comer; contar.
Since then, at na uncertain hour,
Desde então, em hora incerta,
Aquele pena retorna,
E se não acha quem o escute
No peito o coração lhe queima.
Revê os rostos dos companheiros
Lívidos na luz primeira,
Cinzas de pó de cimento,
Indistintos na névoa,
Tingidos de morte em sonos inquietos:
À noite movimentam as mandíbulas
Sob as pedras pesadas dos sonhos
Mastigando uma raiz que não há.
“Para trás, fora daqui, gente perdida,
Adiante. Não suplantei ninguém,
Não usurpei o pão de ninguém,
Ninguém morreu no meu lugar. Ninguém.

¹³ LEVI, 2010, p. 212-213.

¹⁴ LEVI, 1987, p. 1321-1324.



Retornem ao seu nevoeiro.
Não tenho culpa se respiro
E como e bebo e durmo e visto roupas”.¹⁵

Eis o que escreve nas primeiras linhas do prefácio: “As primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazistas começaram a difundir-se no ano crucial de 1942. Eram notícias vagas, mas convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo”.¹⁶

Essa rejeição havia sido prevista com muita antecipação pelos agentes do extermínio. Muitos sobreviventes recordam que os SS se divertiam, avisando cinicamente aos prisioneiros: “Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhes dará crédito”.¹⁷ Em seguida, ele menciona uma vez mais o sonho traumático: “esse mesmo pensamento brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros. Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento”.¹⁸

É preciso situar as circunstâncias que levam Primo a retomar em *Os afogados e os sobreviventes*, de modo lancinante, a temática dos campos de concentração. Trata-se de uma resposta às teorias revisionistas e teses negacionistas em voga nos anos setenta e oitenta. Tais teses reabriram a ferida. Sabemos que o trauma não é somente essa ‘uma única vez’, mas também o discurso negacionista, quando este vem dizer que nada disto existiu. De novo, o vórtice.

A pena que retorna, quatro décadas após o confinamento indica não mais o agulhão de um mal sofrido, mas aquele de uma paradoxal e presumida culpa, a culpa dos sobreviventes: a suposição “de que cada qual seja o Caim do seu irmão e cada um de nós – desta vez digo “nós” num sentido muito amplo, ou melhor, universal) tenha defraudado seu próximo, vivendo em lugar dele. É uma suposição que corrói; penetrou profundamente, como um carcinoma; de fora não se vê, mas corrói e grita”.¹⁹ Examina o sentimento de culpa vinculando-o ao da vergonha: “Você tem vergonha porque está vivo no lugar de um outro?”.²⁰ Era impossível evitar essa pergunta, agrega.

Não se tratava apenas da vergonha própria a cada um, como também de uma vergonha alheia: “O mar de dor, passado e presente, nos circundava, e seu nível subia... até quase nos fazer submergir... Era inútil fechar os olhos... entre nós, os justos experimentaram remorso, vergonha, dor, pelo crime que outros, e não eles, tinham

¹⁵ LEVI, 2019, p. 111.

¹⁶ LEVI 2004, p. 9.

¹⁷ LEVI 2004, p. 9.

¹⁸ LEVI, 2004, p. 9.

¹⁹ LEVI, 2004, p. 71.

²⁰ LEVI, 2004, p. 70.



cometido... demonstrava que o gênero humano, nós, em suma, éramos capazes de construir uma quantidade infinita de dor... Basta não ver, não ouvir, não fazer”.²¹

François Rastier enfatiza o sentimento lancinante a despontar do acaso de ter sobrevivido. A suposição de estar vivo no lugar de outro, assumiu, para Levi, a forma de um possível erro de chamada, na qual um vizinho poderia ter sido levado em seu lugar para o gás²². Questão que se deixa entrever já em “Shemá”, poema de janeiro de 1946, e epígrafe de *É isto um homem?*, e mais explicitamente no já citado poema “O sobrevivente”, quatro décadas mais tarde.

A pena que retorna, simultaneamente, como evocação e conjuração, neste poema, não mais se refere ao comando da madrugada, encarnado na voz do carrasco, a bradar “Levanta!”. Ela advém, mergulhada em angústia e culpa, do retorno do espectro dos submersos, aos quais emprestará sua voz, por delegação, a fim de contar a demolição levada a cabo, a obra consumada, aquela que ninguém narrou: “não saberia dizer se o fazemos por uma obrigação moral para com os emudecidos, ou para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um forte e duradouro impulso”.²³

Podemos inferir que a política seja a poesia do sonho, ainda, ao percorrermos o caminho da gênese poética da zona cinzenta,²⁴ antes dessa se constituir como um conceito, o cinzento aparece de modo expressivo e insistente em sua poesia, narrativa testemunhal, contos, artigos e ensaios, inscrevendo, no conjunto da obra, uma temporalidade: num primeiro tempo aparece de modo difuso, momento no qual prevalecem as associações entre a cor, o ambiente e os afetos plúmbeos que não encontram palavras capazes de expressá-los; num segundo tempo ganha contornos poéticos, passando a existir por toda parte como figura de linguagem; até que num terceiro tempo será a matéria incandescente a partir da qual Levi forjará um “novo elemento”, não propriamente um novo elemento químico, como sonhava em sua juventude, quando a tabela periódica de Dmitri Mendeleev “era a poesia, maior e mais solene que todas as poesias digeridas no ginásio”.²⁵

Nas palavras de Giorgio Agamben, Levi conseguiu isolar algo parecido com um novo elemento ético: a inquietante zona cinzenta. Esta da qual deriva a longa cadeia de conjunção entre oprimidos e opressores: “uma alquimia cinzenta, incessante, na qual bem e mal, e com eles, todos os metais da ética tradicional alcançaram seu ponto de fusão”.²⁶

²¹ LEVI, 2004, p. 74.

²² RASTIER, 2005, p. 43.

²³ LEVI, 2004, p. 73.

²⁴ MACÊDO, 2014, p. 127-148.

²⁵ LEVI, 1994, p. 47.

²⁶ AGAMBEN, 2008, p. 30.



Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.
- BELPOLITI, Marco. Animais e fantasmas. In: LEVI, Primo. *O último natal de guerra*. Trad. Maria do Rosário Toschi Aguiar. São Paulo: Berlandis & Vertheccchia, 2002. p. 12-23.
- LEVI, Primo. *Mil sóis: poemas escolhidos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.
- LEVI, Primo. Buco nero di Auschwitz. In: _____. *Opere II*. Torino: Einaudi, 1997c. p. 1321-1324.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e terra, 2004.
- LEVI, Primo. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi, 1997a.
- LEVI, Primo. *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LEVI, Primo. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988a.
- LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LEVI, Primo. *Primo Levi: conversazioni e interviste 1963-1987*. Torino: Einaudi, 1997b.
- MACÊDO, Lucíola. *Primo Levi: a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- RASTIER, François. *Ulyssse à Auschwitz: Primo Levi, le survivant*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.